

A LUTA PELA TERRA EM GOIÂNIA (1980):

Memória e Historiografia Urbana da Região Noroeste

EIXO TEMÁTICO 03: Representações, Memória e Preservação do Urbano

MILAGRE, Carolina Vivas da Costa

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo; Universidade de Brasília
carolina.milagre@aluno.unb.br

FUENTES, Maribel del Carmen Aliaga

Professora Associada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Universidade de Brasília
arqmarialiaga@gmail.com

MARTÍNEZ, Daniela Judith Cortez

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo; Universidade de Brasília
cmdani01@gmail.com

RESUMO

Goiânia, capital de Goiás, recebeu uma grande demanda populacional no início da década de 1980, devido à expulsão dos trabalhadores rurais do campo e também pelo processo de interiorização do país. Essas famílias migrantes enfrentaram dificuldades de acesso à moradia e ao trabalho, resultando na ocupação de áreas periféricas, especialmente a noroeste do centro da cidade. A história da região é geralmente retratada por uma perspectiva da pobreza e da segregação, por outro lado, a violência e a opressão do Estado levaram à união dos ocupantes na luta pelo direito à terra, amparados também pelo fortalecimento dos movimentos sociais na década de 1980 no Brasil. Desse modo, este artigo tem o objetivo de recontar essa história pela ótica da resistência dos ocupantes, organizados em movimentos sociais por moradia, a partir da análise de jornais da época. Para esse fim, analisa-se os discursos de recortes dos jornais da mídia: “Diário da Manhã” e “Nova Opção” e os de circulação interna dos movimentos: “União das Invasões”, “A voz dos trabalhadores” e “4 de Outubro”. A análise das fontes revela o contraste das narrativas e resgata a memória dos primeiros moradores da região noroeste goianiense.

Palavras-chave: ocupações e resistências; memória; movimentos sociais por moradia; historiografia urbana; Goiânia.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

Goiânia, the capital of Goiás, received a large demand of people in the early 1980s due to rural-to-urban migration and the country's internalization process. These migrant families faced difficulties accessing housing and employment, resulting in the occupation of peripheral areas, primarily in the northwest of the city. The region's history is generally described from a perspective of poverty and segregation; however, state violence and oppression led to the unification of the residents in the struggle for land rights, a struggle also supported by the strengthening of social movements in Brazil during the 1980s. Therefore, this article seeks to recount this history from the perspective of the resistance of the residents, organized into social movements for housing, based on an analysis of newspapers from that period. To this end, it analyzes discourses from newspaper fragments: "Diário da Manhã" and "Nova Opção", and those circulating internally within the movements: "União das Invasões", "A voz dos trabalhadores" and "4 de Outubro". The analysis of the sources reveals the contrast in the narratives and seeks to recover the memory of the first inhabitants of the northwest region of Goiânia.

Keywords: occupations and resistances; memory; social movements for housing; urban historiography; Goiânia.

RESUMEN

Goiânia, capital de Goiás, recibió una gran afluencia de personas a principios de la década de 1980 debido a la migración del campo a la ciudad y al proceso de interiorización del país. Estas familias migrantes enfrentaron dificultades para acceder a la vivienda y al empleo, lo que resultó en la ocupación de zonas periféricas, principalmente al noroeste de la ciudad. La historia de la región se describe generalmente desde una perspectiva de pobreza y segregación; sin embargo, la violencia y la opresión del Estado llevaron a la unificación de los ocupantes en la lucha por el derecho a la tierra, apoyada también por el fortalecimiento de los movimientos sociales en Brasil durante la década de 1980. Por lo tanto, este artículo busca relatar esta historia desde la perspectiva de la resistencia de los ocupantes, organizados en movimientos sociales por la vivienda, a partir del análisis de periódicos de ese período. Para ello, analiza los discursos provenientes de recortes de periódicos: "Diário da Manhã" y "Nova Opção", y los que circulan internamente en los movimientos: "União das Invasões", "A voz dos trabalhadores" y "4 de Outubro". El análisis de las fuentes revela el contraste en las narrativas y busca recuperar la memoria de los primeros habitantes de la región noroeste de Goiânia.

Palabras clave: ocupaciones y resistencia; memoria; movimientos sociales por la vivienda; historiografía urbana; Goiânia.

INTRODUÇÃO

A luta pela terra constitui um conflito histórico no Brasil, enraizado no passado colonial e na exploração de populações indígenas e negras escravizadas. Esse pensamento eugenista influenciou profundamente a formação social e o planejamento urbano e, com a ascensão do capitalismo, foi ressignificado em práticas neocoloniais que continuam a ditar quem tem direito aos espaços da cidade. Conforme destaca Berth (2023), esses ideais ainda refletem na configuração urbana contemporânea pela exclusão de pessoas majoritariamente negras para viverem na precariedade e fora da ordem social e espacial planejada.

Na década de 1960, diversos movimentos sociais mobilizaram-se em defesa dos direitos dos trabalhadores e da reforma agrária no Brasil. Entre eles, destacou-se a ala progressista da Igreja Católica, que teve grande expressão e atuou em aliança com os estudantes, sindicatos, trabalhadores urbanos e principalmente trabalhadores rurais. Porém, em 1964, com a instauração da Ditadura Militar, houve a implementação do Estatuto da Terra pelo regime, que distorceu a luta pela terra, transformando o processo produtivo rural em um mecanismo de subordinação dos pequenos camponeses e promovendo a sua expulsão das propriedades, a fim de expandir os latifúndios (Bretas, 2021).

Apesar da resistência dos movimentos na década de 1960, as famílias foram forçadas a migrar em busca de outras formas de trabalho, encontrando nas cidades um cenário de desemprego, alto preço dos alimentos e aluguéis. Esse movimento fez com que a população de baixa renda fosse empurrada para áreas distantes das zonas urbanizadas, e essa condição de escassez tornou-se parte do impulso para a organização coletiva em busca da sobrevivência. A urbanização segregadora da década de 1970 fez parte, portanto, de uma modernização excludente do Brasil rural (Santos, Silveira, 2001), que promoveu a expansão desenfreada dos centros urbanos, associada a todo o processo histórico e colonizador da urbanização brasileira.

Esse contexto reflete-se na configuração urbana de Goiânia. Desde o início do desenho da cidade, em 1933, já se formavam os bairros operários fora da malha urbana planejada (Moraes, 2003). A partir de 1960, impulsionada pela construção de Brasília e pelo êxodo rural forçado, a cidade passou a receber uma demanda populacional crescente. Assim, em 1976, Goiânia registrava cerca

PENSAR FORA DO EIXO

de dez mil posseiros¹ e nos anos 1980 esse número aumentou para cem mil (Moysés, 2004). A maioria dessas ocupações concentrava-se na região noroeste da cidade, caracterizando-a como “o maior bolsão de miséria da cidade” (Moysés, 2004, p.315).

Por outro lado, a região também foi o cerne da organização do movimento de luta por moradia, que durante o período da Ditadura Militar (1964-1985), teve sua atuação impulsionada pela luta pela redemocratização do país e pela formação de vários outros movimentos sociais. Como os movimentos pelo direito à terra, que representam uma dimensão essencial da luta histórica por pertencimento, essas organizações resistem e constroem outras narrativas no espaço urbano. Porém, essa história é geralmente silenciada nos discursos hegemônicos,

Diante disso, este artigo busca resgatar a memória da região noroeste, especialmente a vinculada à luta e às conquistas de seus ocupantes, com o propósito de fortalecer o debate sobre o direito à terra no campo do urbanismo, um tema que demanda constante reflexão e reafirmação. Nesse caminho, há pesquisas como a de Cruz (2015), que apresenta a formação da classe trabalhadora da região noroeste e a de Bretas (2021), que retoma a história do movimento dos trabalhadores em Goiás, perpassando a trajetória dos líderes das ocupações.

Sob a lente de Bloch (1998), a memória é compreendida como uma construção de narrativas coletivas que passa por um processo de supressão de alguns fatos e pela ênfase em outros, logo, ela não constitui um dado bruto, estando sempre sujeita a questionamentos. Complementarmente, Nora (1993) aponta que a memória está intrinsecamente ligada à vida por ser portada por grupos sociais ativos, transformando-se constantemente na dialética entre o esquecimento e a lembrança.

Desse modo, este texto busca contribuir para o campo da historiografia urbana, sob a perspectiva dos movimentos sociais por moradia, ao investigar a origem da região noroeste de Goiânia, a partir da análise de notícias de jornais como fontes de pesquisa. O intuito não é resgatar uma fidelidade ao passado dos ocupantes, trata-se de compreender, em consonância com Le Goff (1994), os jornais como documentos e que todo documento é um produto social moldado pelas relações de força de seu próprio tempo. O intuito, portanto, é contrapor os discursos, entendidos como atos de linguagem que carregam marcas do tempo histórico (Le Goff, 1994), para desvelar as dinâmicas de poder subjacentes presentes nos jornais de grande circulação e nos boletins internos produzidos

¹ Na referência, Moysés utiliza o termo “invasores” para se referir às famílias que estavam ocupando áreas irregulares da cidade. Por ser compreendido como um termo pejorativo para os autores, o termo foi substituído por posseiros.

PENSAR FORA DO EIXO

pelos movimentos, de modo a discutir a memória da região noroeste a partir de diferentes perspectivas.

O olhar detalhado sobre as notícias permite compreender que elas estão associadas a discursos imbuídos de valores, interesses diversos, sendo atravessadas por posicionamentos políticos, sociais e econômicos (Barros, 2022). As notícias, enquanto fonte escrita, também tem uma função de comunicar através do tempo e fornece um processo de marcação, memorização e registro (Le Goff, 1994). Em vista disso, as falas recortadas dos jornais serão preservadas na íntegra, com o objetivo de valorizar os saberes e as memórias das pessoas envolvidas.

Metodologicamente, foi realizada uma busca dos jornais goianienses que abordavam essa temática, entre o final da década de 1970 e a década de 1980. A pesquisa nos periódicos da época iniciou-se com o contato junto às sedes dos jornais², posteriormente com a consulta ao acervo da Biblioteca da Secretaria Municipal de Goiânia e com a busca por fotografias³ no Museu da Imagem e do Som (MIS) do Estado de Goiás. A procura por exemplares dos jornais dos movimentos sociais foi feita a partir de publicações em redes sociais dos bairros, bem como em artigos e dissertações e no acervo do antigo Centro de Documentação e Pesquisa Vergueiro (CPV), posteriormente repassado para o Arquivo Edgard Leuenroth da Unicamp.

O conjunto encontrado compreende nove edições do Jornal “A voz dos trabalhadores”, sendo a primeira edição de novembro de 1979. Constam também quatro edições do “Jornal da União das Invasões”, com publicações com início em fevereiro de 1981. Do jornal “4 de Outubro” foram encontradas apenas duas edições, de fevereiro e setembro de 1984. Há também alguns recortes e fotografias da edição de 1979 do Jornal “Opção” e do “Diário da Manhã”⁴, além de alguns fragmentos dos anos de 1982 e 1983. Entre a amostra selecionada, destacam-se alguns temas centrais das matérias jornalísticas, sendo os três mais recorrentes: a luta organizada pelos trabalhadores; as violências e opressões; e as festas, comemorações e conquistas. Assim, essas temáticas embasam a divisão dos tópicos a seguir, com a análise dos eventos, fotografias e discursos retratados nos jornais.

² Não obteve êxito no contato com as sedes dos jornais, não autorizando a pesquisa.

³ Esses recortes estão disponíveis em um drive organizado pela página de Instagram do Jardim Nova Esperança.

⁴ As notícias do Diário da Manhã foram encontradas na Biblioteca da Secretaria Municipal de Planejamento urbano (SEPLANH), tendo como recorte a temática da região noroeste, constavam na pasta “Bairros da região noroeste de Goiânia”.

1 DESENVOLVIMENTO

1.1 A força da união

Goiânia obteve um aumento do contingente populacional na década de 1970, devido às migrações, principalmente vindas de Minas Gerais e São Paulo, mas cerca de 70% delas eram provenientes da área rural do próprio estado de Goiás (Chaul, 1988). Alguns processos estão ligados a esse crescimento, como o êxodo violento de 50% da população rural com as implementações do regime militar, e o processo de interiorização do país, com a construção da nova capital federal, Brasília, em 1960, que incentivou o deslocamento para a região Centro-Oeste do país. Com isso, a maioria das famílias chegou a Goiânia, sem-terra, emprego ou renda, acarretando a ocupação de áreas distantes da urbanização.

Em 1979, a região noroeste da capital de Goiás começou a ser ocupada. O guarda-noturno Jospe Nunes da Silva e o pedreiro Faustino dos Santos foram alguns dos primeiros posseiros⁵ (Jornal Opção, out. 1979) a montarem suas habitações em uma área (Figura 1) a noroeste do centro, nomeando-a de Vila João Vaz. Na notícia do jornal Nova Opção (1979), os posseiros são chamados de invasores, reforçando que neste período, anterior à Constituição de 1988, as ocupações eram vistas como atos de vandalismo e ilegalidade e não como direito ou resposta à desigualdade de distribuição de terras do país. Essa atribuição também é reflexo do período da Ditadura Militar em Goiás, quando havia uma maior repressão com o objetivo de desmobilizar essas organizações e um discurso para criminalização dos ocupantes.

Figura 1. Primeiras famílias construindo e ocupando a região noroeste de Goiânia

⁵ As notícias utilizam a palavra “invasores”, porém considera-se o termo pejorativo, portanto substituiu-se pela palavra “posseiros”.

PENSAR FORA DO EIXO

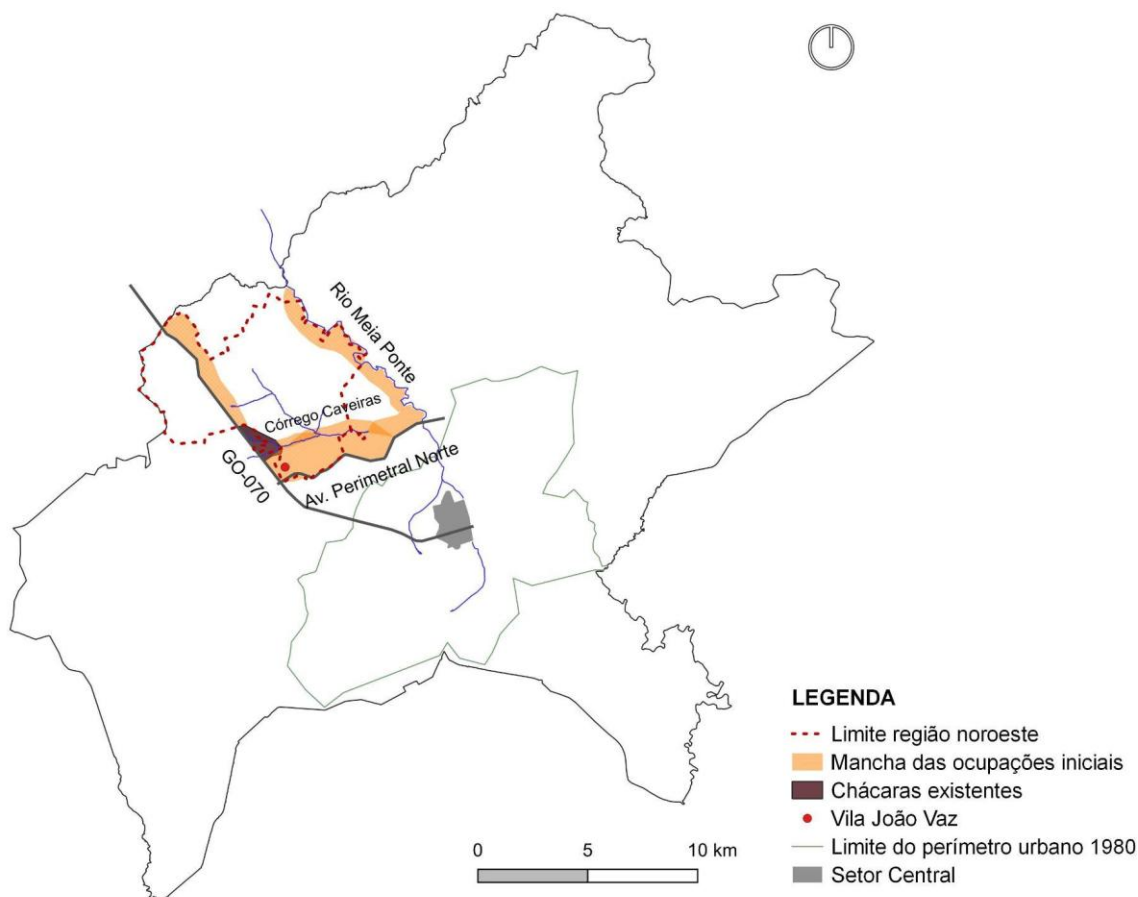


Fonte: Jornal Opção, nov. 1979.

A região, antes da chegada dos ocupantes, possuía dois loteamentos: a Chácaras Rosas de Ouro e a São Joaquim, que consistiam em chácaras de fim de semana pertencentes a famílias residentes na área central da cidade. A porção restante da área, localizada acima da Avenida Perimetral Norte, era utilizada pela prefeitura como lixão municipal (Silva, 2014). Assim, conforme Silva (2014) e Cruz (2015), as ocupações foram se formando ao lado dessas chácaras e se expandindo ao longo da GO-070, rodovia que dá acesso à Cidade de Goiás, antiga capital do estado. Posteriormente, avançaram em direção ao leito do rio Meia Ponte e às proximidades do córrego Caveirinhas (Figura 2).

Figura 2. Manchas das ocupações na região Noroeste de Goiânia.

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Dados de Silva (2014) e Cruz (2015), elaboração das autoras, 2026.

A Vila João Vaz, a primeira ocupação, foi atraindo mais pessoas para a região noroeste de Goiânia. O aumento dos ocupantes motivou a reação das elites e da prefeitura, que determinou a reintegração de posse para a suposta empresa proprietária da área rural, nomeada de Fazenda Caveiras (Moysés, 2001), e autorizou a utilização de força da Polícia Militar para retirada da população (figura 3). Em contrapartida, várias instituições saíram a favor das ocupações, apontando que a área não era de produção rural, mas que grande parte pertencia ao lixão da prefeitura. A Associação de Assistentes Sociais de Goiás foi uma das que defenderam os ocupantes: “O nosso protesto fundamenta-se no fato de que os moradores estão sendo desalojados e expulsos de suas casas, por policiais através de métodos violentos” (Jornal Opção, out. 1979, n.p.)

Figura 3. Remoção violenta da população da Vila João Vaz, primeira ocupação na região noroeste

Goiânia, Ano 40 - Número: 10,217

Órgão dos Diários Associados - Fundador Assis Chateaubriand

Goiânia, sexta-feira 05 de

outubro de 1979



O PM, bem armado, argumenta com a mãe de família.



O PM, bem armado, argumenta com a mãe de família.

Prefeitura e polícia removem invasores com baionetas e tratores

Digitalizada com CamScanner

Fonte: Jornal Opção, out. 1979, intervenção das autoras, 2025.

No cenário nacional, o Movimento Custo de Vida⁶ (MCV), fundado em São Paulo, ganhava força ao alertar sobre as dificuldades dos trabalhadores na cidade, devido aos altos preços dos aluguéis e dos alimentos (Monteiro, 2016). Assim, impulsionado pelo MCV, um agricultor da cidade de Mossâmedes, Goiás, escreveu uma carta endereçada ao governador Ari Valadão, relatando sobre os problemas enfrentados pelo trabalhador no interior e no campo (Cruz, 2015). Meses depois, os moradores das ocupações da região noroeste publicaram um boletim, expondo sua indignação diante da ação da polícia. Essa publicação marcou o início do movimento União das Invasões em Goiânia:

Nós moradores das invasões, já faz algum tempo estamos sofrendo muitas pressões e violências. E só a gente ir vendo os jornais e na boca dos companheiros: polícia agride moradores da invasão; vem mandato de juiz com polícia, jagunço e até cachorro de raça para tentar expulsar nós de nossas casas. Nós resistimos e lutamos no nosso local para ficarmos na terra porque precisamos dela. Depois de tanta luta, tanto sofrimento, vimos que nós podemos contar e com nós mesmos e

⁶ Movimento fundado em São Paulo, criado pelo Clube de Mães e pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), da Igreja Católica na periferia sul de São Paulo lutava pela redemocratização do país, ganhando força e reunindo mais de um milhão de assinaturas em plena ditadura militar. (Monteiro, 2015)

PENSAR FORA DO EIXO

começamos um local ir apoiar outro local na hora das agressões. (...) Nós vimos que a nossa luta é a mesma, e que estamos caminhando numa mesma estrada. Então achamos que era por bem andar nesta estrada de braços dados, falando por uma boca só (A voz dos trabalhadores, jan. 1981, p. 11)⁷

Assim, pela necessidade da terra e para combater as violências, formou-se o grupo União das Invasões. Em fevereiro de 1981, já havia quatorze ocupações de várias regiões da cidade unidas no Movimento União das Invasões (União das Invasões, fev. 1981). Estas invasões possuíam um boletim informativo, com o mesmo nome, para divulgar, convocar para a luta e também mostrar o poder da organização, como forma de pressionar as autoridades. Nesse contexto, ressaltava-se a importância da imprensa militante como um instrumento de disputa de poder e mobilização social e com a função de forjar identidades políticas (Oliveira, 2009). Assim, a Vila João Vaz passa a ser chamada de Boa Esperança, nome que posteriormente daria lugar à denominação oficial de Jardim Nova Esperança. O grupo então passa a ser liderado pelo pedreiro Robinho Azevedo, morador da ocupação (União das Invasões, fev. 1981).

Em abril de 1982, o movimento reivindicou à prefeitura a doação das terras ocupadas (União das Invasões, maio 1982). A força da organização fez com que dezoito vereadores assinassem a favor e determinassem um prazo para o prefeito assinar a doação da área pública. Sem a resposta do prefeito, os posseiros saíram em passeata pela Avenida Goiás até a Praça do Trabalhador, no centro da cidade. Na fotografia (Figura 4) é possível ver homens e mulheres de todas as idades e também crianças e conforme dados do boletim (União das Invasões, maio 1982) havia mais de 2.000 moradores das ocupações na manifestação.

⁷ Todas as citações foram apresentadas na íntegra, sem nenhuma intervenção ou julgamento da linguagem utilizada em prol da preservação da memória.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 4. Manifestação do movimento União das Invasões pela doação das terras

Fonte: União das Invasões, maio 1982.

Oliveira (2009) debate como o discurso da imprensa tradicional brasileira se caracteriza como um “quarto poder”, que é usado para justificar o controle estatal ou partidário sobre a informação e guiar a opinião pública. Enquanto os jornais dos movimentos divulgavam os próximos passos da luta, o Diário da Manhã, jornal de grande circulação da mídia, trazia a opinião dos empresários: “Como resolver e defender a propriedade privada e o direito de posse da terra frente às constantes invasões?” (Diário da Manhã, 23 jun. 1982, n.p.). Essa mesma reportagem apresenta a preocupação dos empresários com a organização dos posseiros: “Os empresários afirmam que os líderes dos invasores estão promovendo reuniões semanais, onde são escolhidas as áreas que serão invadidas nos próximos meses” (Diário da manhã, 23 jun. 1982).

A frase “Invasor tem que ser derrubado” (Diário da Manhã, 13 jun. 1982) aparece destacada em negrito em outra notícia do jornal. A fala é de um dos supostos proprietários da fazenda Caveiras, que, ao ser entrevistado, discorre sobre a tentativa frustrada de evacuar a área, mesmo com o apoio da polícia. Ao lado, aparece uma fotografia dos posseiros e a legenda: “Os invasores, armados de foice, impediram ontem à tarde, que os barracos fossem destruídos.” (Diário da Manhã, 13 jun.

PENSAR FORA DO EIXO

1982, n.p.). Esse fenômeno ilustra o que Tuchman (2002) classifica como uma falsa neutralidade jornalística, pois cumpre-se o protocolo de representar os dois lados da história, mas a estrutura textual reafirma e mantém a estrutura de poder hegemônica.

Na década de 1970, os veículos de comunicação estavam associados ao discurso da Ditadura Militar em defesa da propriedade privada. Outrossim, o acesso à terra e à moradia ainda não era um direito humano fundamental no Brasil, como é hoje, sendo esse reconhecimento incluído apenas em 1988 pela Constituição Federal. Portanto, a representação dos ocupantes nos jornais da mídia está entre a criminalidade e a miséria, ora reprimindo os assentamentos ilegais, ora retratando suas condições precárias de vida. Viana (2012) debate como o crescimento urbano da capital goiana e a questão da moradia foram retratados sob a ótica de uma "higienização" ou "ilegalidade" pela imprensa tradicional. Esse apagamento seletivo opera também como uma ferramenta de dominação, reduzindo as histórias de resistência a histórias de miséria e opressão. Esse tipo de narrativa se manifesta em violências que, paradoxalmente, acabam sendo usadas como justificativa para as agressões e sofrimentos impostos (Sales; Nascimento, 2021) à população periférica e majoritariamente negra.

A defesa da propriedade privada pela elite, segundo Berth (2023), também é um resquício das violências do Brasil colonial, funcionando como modo de reafirmar que o espaço não é para todos, cunhando o lugar de subalternidade social dos chamados invasores, vistos por essa elite como sujeitos que não pertencem a esse território. Rolnik (2015) também ressalta como a propriedade privada funciona como uma ferramenta política de exclusão, pois a segurança da posse é garantida como privilégio apenas para uma parcela da população, enquanto os territórios ocupados pelos mais pobres são mantidos em uma situação de precariedade, sendo a luta pelo direito à terra seja frequentemente associada à repressão.

1.2 A opressão

O movimento da União das Invasões surge da luta por moradia e emprego, bem como da reação aos casos de violência sofridos pela população. Conforme Moysés (2004), o Estado, em um primeiro momento, agiu de maneira opressora, a fim de controlar o crescimento do movimento: "Chegou com mão forte e usou de todos os meios para se impor enquanto instituição poderosa que interfere na vida das pessoas físicas e jurídicas" (Moysés, 2004, p. 294-295). Assim, na primeira etapa de ocupação da fazenda Caveiras, a polícia agiu contra o assentamento, mas não conseguiu conter a formação do Setor Nova Esperança.

PENSAR FORA DO EIXO

Em uma segunda etapa, famílias organizaram-se na área ao lado, denominando-a de Jardim Boa Sorte (Moysés, 2004), entretanto, essa ocupação não se efetivou devido à repressão por parte da prefeitura. Conforme o boletim da União das invasões (1981), dia 29 de abril ficou conhecido como o “Dia do Massacre no Jardim Boa Sorte”. Havia mais de 800 pessoas reunidas em uma missa celebrada em apoio às famílias da ocupação, quando os policiais chegaram com tropa de choque e cachorros, fazendo o uso da força para retirar as pessoas que estavam ali. A destruição do Jardim Boa Sorte ficou marcada na memória das 40 famílias desabrigadas, que foram expulsas, sem que a prefeitura adotasse providências para realocá-las. Essa história, portanto, foi registrada nos boletins do movimento (Figura 5), mas não se tornou notícia nos jornais de grande circulação.

Figura 5. A chegada da tropa policial no Jardim Boa Sorte



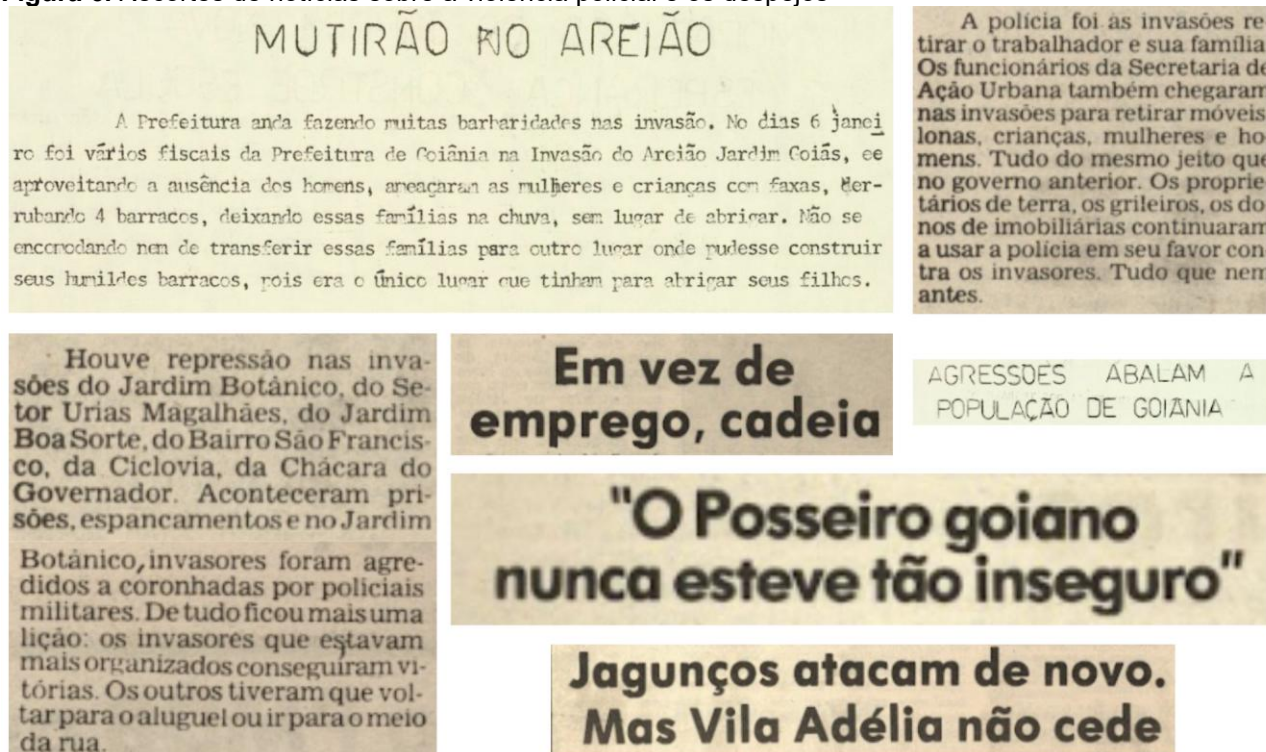
Fonte: União das Invasões, maio 1981.

Vários outros casos de violência policial contra a população das ocupações foram noticiados nos boletins do movimento União das Invasões (Figura 6). É o caso da área denominada Areião, localizada no Setor Jardim Goiás, onde famílias foram despejadas pelos funcionários da prefeitura, os quais aproveitaram que os homens não estavam e foram ameaçar mulheres e crianças e

PENSAR FORA DO EIXO

derrubar os barracos (União das Invasões, fev. 1981). Houve também um ataque com helicóptero que varreu a ocupação no Jardim Botânico (União das Invasões, maio. 1982).

Figura 6. Recortes de notícias sobre a violência policial e os despejos



Fonte: .União das Invasões, fev. 1981; jun. 1981; jun. 1982 e Quatro de Outubro, fev. 1984

Porém, um caso marcante ganhou repercussão na grande mídia: o assassinato do fotógrafo Joel Marcelino de Oliveira (Figura 7). No dia 13 de junho de 1982, durante os jogos da Copa do Mundo, ocorreu uma ação policial na Fazenda Caveiras, a fim de expulsar as oitocentas pessoas que ali habitavam. "Trabalhadores foram espancados, presos e um homem foi baleado." (Diário da Manhã, 14 jun. 1982, n.p.) Conforme o relato das testemunhas, no momento em que os policiais perceberam que o fotógrafo estava registrando a ocasião, teriam disparado contra ele.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 7. Notícias sobre o assassinato do fotógrafo Joel Marcelino de Oliveira



Fonte: Diário da Manhã, jun. 1982.

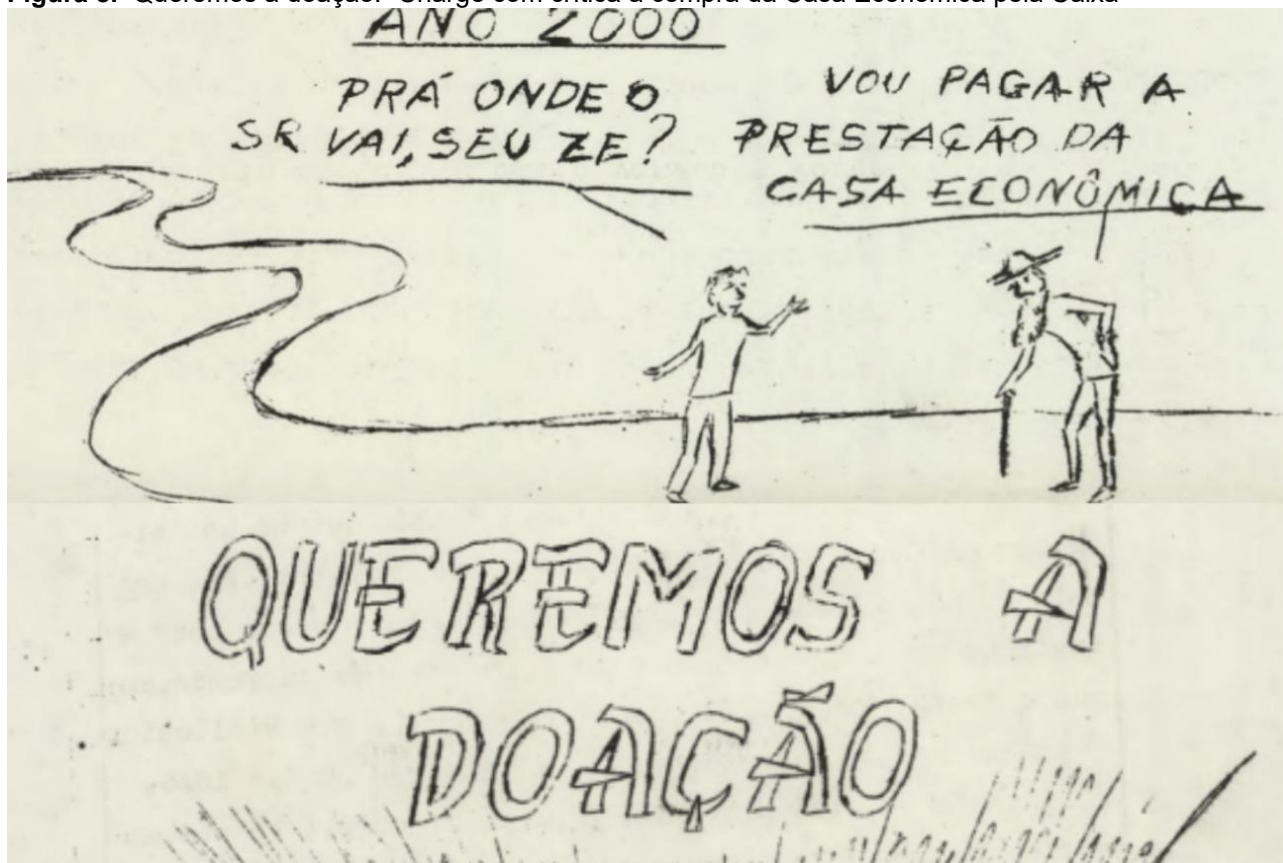
O jornal também traz o relato do delegado, o qual afirma que a retirada foi pacífica e alega: "O tiro pode ter sido disparado pelos próprios posseiros, pois estavam fazendo a maior baderna e bebendo muito." (Diário da Manhã, 15 jun. 1982). O prefeito e o secretário se manifestaram diante do ocorrido, determinando o afastamento do delegado e demonstrando indignação frente à brutalidade policial. Outras notícias do mesmo jornal retratam o lamento dos moradores no enterro e humanizam o acontecimento, ao contar que Joel era um jovem de 23 anos, morador do Jardim Nova Esperança, evangélico e estava estreando a sua máquina fotográfica naquele dia.

Após a repercussão do assassinato do fotógrafo, a prefeitura foi pressionada a cadastrar as famílias da ocupação, resultando na criação do Jardim Boa Vista, em 1982. Porém, o processo de formação do Boa Vista não ocorreu de forma pacífica e dialogada com as famílias, pois a prefeitura passou a controlar a área e determinar restrições: somente os moradores registrados podiam entrar na área, assim como as famílias foram ordenadas a parar de construir, até que fossem feitas a divisão dos lotes e a chegada da infraestrutura no bairro. Algumas notícias expõem essas reclamações dos moradores, como o João Francisco dos Santos descreve: "Virou um campo de concentração (...) somos prisioneiros como aqueles no tempo do Hitler. Hoje mesmo, quando voltava para o meu barraco, fui revistado na entrada da invasão." (Diário da Manhã, 25 jun. 1982, n.p.)

PENSAR FORA DO EIXO

Frente à demora das soluções para a implementação de infraestrutura, à fome e aos problemas de saúde que vinham assolando as famílias, aumentou a pressão contra a prefeitura, que apresentou um projeto de realocação, com a demarcação de lotes em outra área da cidade (Diário da Manhã, 07 jul. 1982). A proposta da prefeitura consistia na venda de lotes e de casas para as famílias através do financiamento da Caixa Econômica, entretanto, a União das Invasões se reuniu em assembleia e decidiu permanecer na área e lutar pelo direito à doação das terras. O movimento também criticou, no boletim informativo, a compra da Caixa Econômica, ironizando o longo período para pagamento das prestações e os juros altos das parcelas (figura 8).

Figura 8. “Queremos a doação!” Charge com crítica à compra da Casa Econômica pela Caixa



Fonte: União das Invasões, junho 1982.

1.3 O assistencialismo do Estado

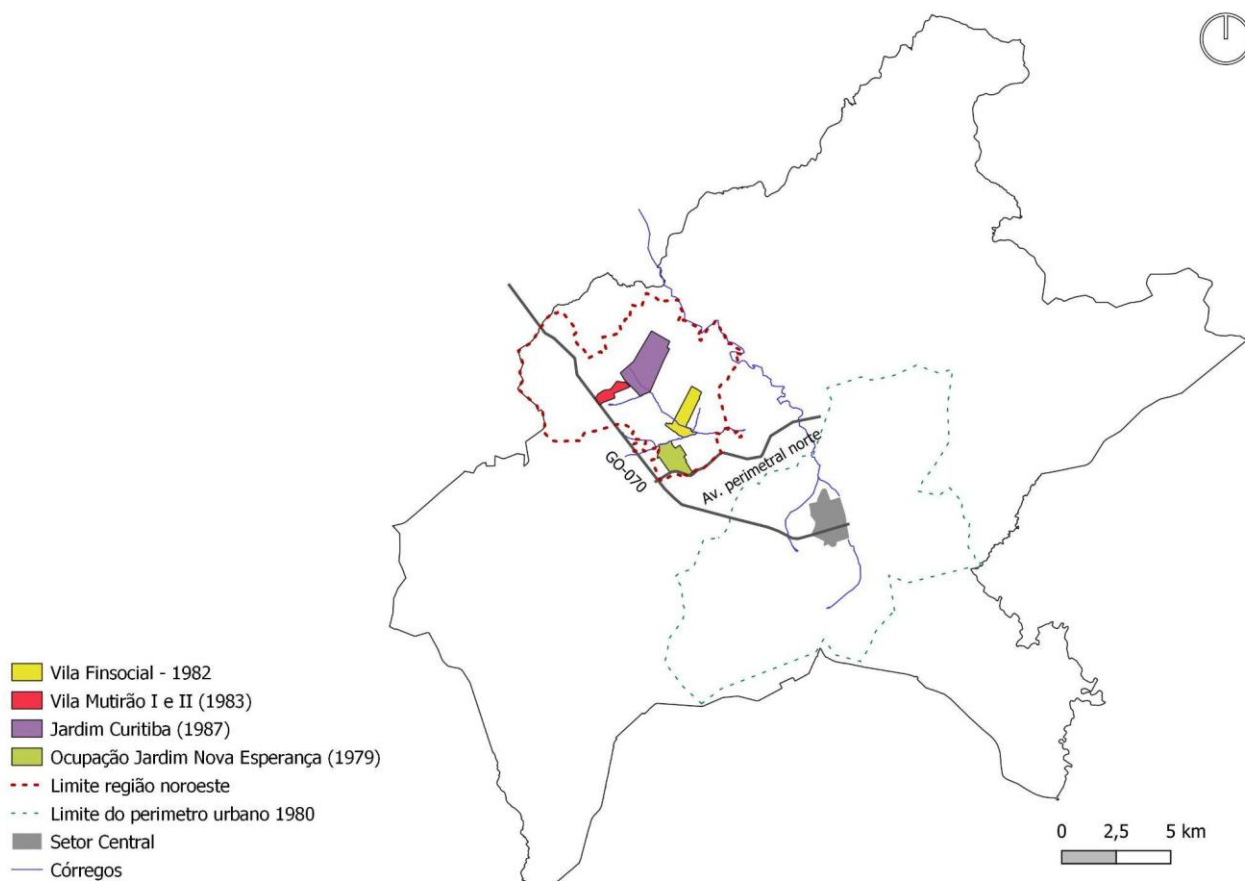
Com o fim da Ditadura Militar, Íris Rezende foi eleito governador do Estado de Goiás (1983-1987) pelo partido PMDB e prometeu, em sua campanha, fazer a doação das terras. Isso aconteceu no contexto das eleições das Diretas Já, em que houve uma união dos partidos de oposição à ditadura. Porém, manteve-se a defesa dos direitos da burguesia, desmobilizando os movimentos sociais

PENSAR FORA DO EIXO

(Bretas, 2021) e a figura de Íris aliou-se aos empresários. Assim, notícias apresentam a cobrança de 200 mil posseiros à espera da doação e sua revolta com o governador (Quatro de outubro, fev. 1984), pois continuavam sofrendo violência policial e pressões para deixar suas casas.

Em um segundo momento, o Estado agiu com a criação de novos assentamentos. Nesse período, Íris Rezende criou o programa Mutirão Permanente de Moradia (PMPM) que tinha o objetivo de atender às famílias de até três salários mínimos com a entrega de parcelamentos com infraestrutura, equipamentos urbanos e casas a serem financiadas (Oliveira, 2014). A Vila Finsocial (1982), a Vila Mutirão (1983) e o Jardim Curitiba (1987) surgiram desse programa (figura 9).

Figura 9. Localização dos bairros criados pelo PMPM em Goiânia, com referência à ocupação Jardim Nova Esperança



Fonte: Dados de Pantaleão e Vilarinho (2017) e Cruz (2015), elaborado pelas autoras, 2025.

Essa política, no entanto, vai de encontro ao movimento de luta por moradia, pois os posseiros já moravam em suas casas havia quase dez anos, nas áreas da fazenda Caveiras, e seriam obrigados a se mudar para outra localidade, mais distante, e ainda pagar por essas moradias, o que correspondia a 15 % do salário mínimo (Maricato; Moraes, 1986). Nesse sentido, a ação do Estado

PENSAR FORA DO EIXO

foi assistencialista “quando chamou para si a responsabilidade e a liderança pela 'criação de lugares'; e implantadora de parcelamentos” (Moysés, 2004, p. 295).

A Vila Mutirão foi um caso à parte, sendo retratada na grande mídia como um exemplo de conquista para as famílias, exaltando a imagem do governador, o qual participou junto aos trabalhadores do mutirão de construção das casas (figura 10). O seu governo foi exaltado nos jornais: “Hoje o povo mostrou o que pode, mostrou que quando o governante trata a coisa pública com seriedade, não lhe falta apoio popular” (Diário da Manhã, 12 outubro, 1983, p. 2). Por outro lado, o Jornal Quatro de Outubro traz entrevistas com as famílias transferidas para a Vila Mutirão: “Prefiro a roça” afirma Terezinha Meneses, “Vim pra cá porque fui obrigada”, diz Helena Souza. Araci, também entrevistada no jornal, conta que foi para a Vila Mutirão, porque iam passar a patrula por cima da ocupação em que ela morava (Quatro de outubro, fev. 1984, p.4)

Figura 10. Populares, Iris Rezende, governador de Goiás, e Henrique Santillo, senador, na Vila Mutirão



Fonte: Acervo MUZA/MIS|GO, 1983.

PENSAR FORA DO EIXO

O presidente da União das Invasões à época, José Maurício Beraldo, apontou que a criação dos projetos foi de cima para baixo, sem considerar as reivindicações do movimento (Quatro de outubro, fev. 1984, p. 3). A postura de Íris buscou uma solução milagrosa para o problema habitacional, forçando as famílias a serem transferidas. Ademais, o governo não entregou a infraestrutura básica necessária e a ausência de transporte público para a região dificultava a locomoção para o trabalho e conseqüentemente, afetava o pagamento das prestações. Por esses motivos, a União das Invasões continuou resistindo: “Não queremos sair, não somos bichos para sermos tirados de um lugar e jogados em outro” (Quatro de outubro, fev. 1984, p. 3) e lutando em prol do seu direito à terra.

1.4 A construção da esperança

Apesar dos sofrimentos, das violências e das injustiças, os posseiros se fortaleceram na esperança de um novo caminho. No Jardim Europa, organizaram um mutirão e conseguiram construir uma casa de reuniões, um espaço que serviria para discussões e para a organização do movimento. “Com clima de muita alegria, com cantos o dia todo, homens e crianças trabalhavam na construção, enquanto as mulheres preparavam o almoço” (União das Invasões, fev. 1981, p.2). Esse evento retrata uma solução encontrada pelos posseiros, fruto do esforço coletivo de organização, frente à ausência de ações do Estado ou do capital privado.

No Jardim Nova Esperança, eles também se reuniram para construir uma escola. Realizaram um abaixo-assinado com 2.185 assinaturas de pais e, após várias solicitações negadas pela Secretaria de Educação, os moradores se juntaram por conta própria, arrecadando materiais e mão de obra para construção de quatro salas para atender as crianças. (União das invasões, fev. 1981, p. 2). Depois do início da obra, a prefeitura foi ao local e prometeu continuar a construção da escola, porém descumpriu a promessa e retirou os materiais do local. Mesmo diante das dificuldades, os posseiros, então, continuaram a edificação: “O povo está cada vez mais se unindo e organizando para resolver seus próprios problemas” (União das Invasões, jun. 1981, p. 6).

Outra temática recorrente nos boletins é a demonstração de alegria nos mutirões e nas festividades, mostrando a vida cotidiana nas ocupações e também reafirmando a importância desses momentos para dar força para permanecer lutando. A primeira festa em comemoração ao Dia do Trabalhador aconteceu no Jardim Nova Esperança em 1980: “Foi um grande encontro e apoio entre as lutas. Foi uma grande vitória para nós. Como de costume, o patrão é quem prepara a festa para nós, e

PENSAR FORA DO EIXO

essa foi preparada e comemorada por nós trabalhadores.” (A voz dos trabalhadores, maio 1980, p.9). A comemoração foi acompanhada de várias canções feitas pelos trabalhadores:

(...) Tá, Tá ficando bão
 A nossa classe tá formando um cordão
 Os operários que trabalham nas empresas
 Vivem sempre na pobreza
 Nas piores condição
 Porém agora
 Eles vivem trabalhando
 Com a cabeça funcionando
 Para mudar a situação (...)
 (A voz dos trabalhadores, Maio 1980, p. 5)

No ano seguinte, após a manifestação, os ocupantes organizaram novamente a festa do dia 1º de maio, que foi realizada no Jardim Nova Esperança com 4.000 pessoas na rua, contando com os moradores, entidades, sindicatos e representantes de partidos (figura 11). O evento aconteceu logo após o massacre na ocupação Boa Sorte e fez com que o movimento ganhasse mais apoiadores. “Essa festa foi mais uma demonstração de força, e mostrou que os trabalhadores não estão parados diante das injustiças, pressões e agressões.” (União das Invasões, jun. 1981, p. 4).

Figura 11. Festa do dia do trabalhador no Jardim Nova Esperança

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: A voz dos trabalhadores, maio 1980

Após a invasão e a destruição dos barracos no Areião, os moradores se juntaram em um mutirão de reconstrução: “O mutirão foi bem animado, com bastante trabalho e cantoria, estavam presentes representantes de 16 invasões e companheiros da roça também. Todos estavam alegres e dispostos a continuar FIRMES NA TERRA” (União das Invasões, fev. 1982, p. 2). Desse modo, as cantigas, as festas e as comemorações mostram como os moradores conseguiam expressar a esperança de melhorias. Essa esperança é retratada não como uma mera espera por algo, mas pautada na união e no trabalho coletivo para conseguir transformar a realidade, sendo a resistência à opressão o combustível para continuar lutando.

Em 1984, o movimento União das Invasões passou a se chamar União dos Posseiros Urbanos do Estado de Goiás (Quatro de outubro, set. 1984), alterando o termo ‘invasores’ para ‘posseiros’, sob a perspectiva de que possuíam o direito às terras. Desse modo, também incluíram as cidades do interior do Estado no grupo. O movimento continuou produzindo boletins informativos, a exemplo do boletim próprio do Jardim Nova Esperança, comemorando a chegada do asfalto em 1993 (Figura 12) após treze anos de luta.

Figura 12. Chegada do asfalto no Jardim Nova Esperança em 1993

PENSAR FORA DO EIXO

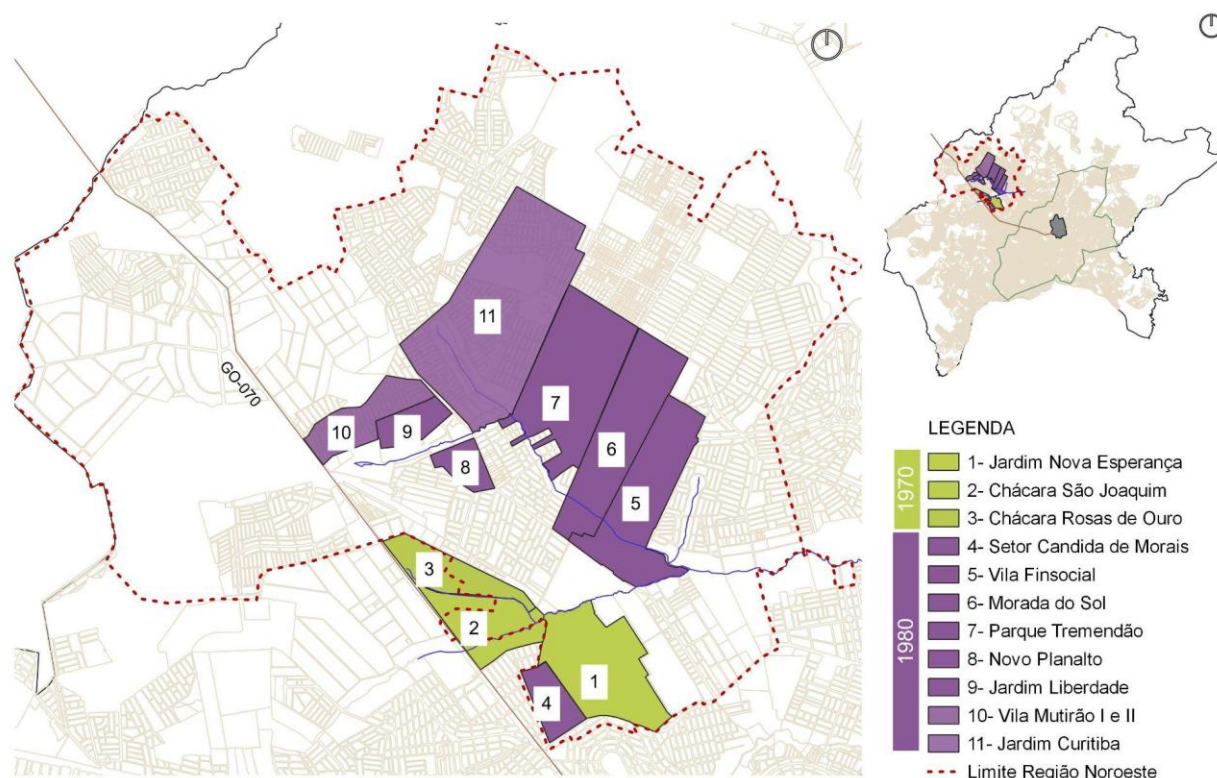


Fonte: Geralda Santa Bárbara - Associação de Moradores do Jardim Nova Esperança, 1993, apud Silva, 2014

O movimento ajudou a fortalecer a luta pela terra em várias regiões da cidade, mas sua grande conquista foi a regularização do Jardim Nova Esperança em 1996. As demais ocupações da região noroeste não foram contempladas, como o Jardim Boa Sorte, que foi brutalmente desconstituído, e o Jardim Boa Vista, que foi substituído pela iniciativa da Vila Mutirão (figura 13). Além dos bairros das chácaras que já existiam e os bairros criados pelo PMPM, outros bairros foram parcelados pela iniciativa privada, como o Morada do Sol, o Cândida de Moraes, o Jardim Liberdade, o Novo Planalto e o Tremendão. A partir dos anos 1990, a região noroeste apresentou outra configuração, com a implantação do loteamento da Fazenda São Domingos pelo governo estadual, expandindo a área da região.

Figura 13. Bairros da região noroeste de Goiânia até a década de 1980

PENSAR FORA DO EIXO



Fonte: Dados da Seplan/Goiânia, elaborado pelas autoras, 2026

Assim, a Região Noroeste, desde sua origem, foi estigmatizada no imaginário da população goianiense como uma área de pobreza e criminalidade, em que muitas vezes, seus habitantes precisavam omitir que moravam na região para não sofrer discriminação. Mesmo hoje, com a sua regularização e as oportunidades de crescimento econômico da região, esse estigma permanece. Entretanto, como analisado, por trás da narrativa criada, vê-se o processo de desigualdade social que Goiânia vivenciou e que ainda perdura, pela falta de políticas públicas e pela opressão contra os ocupantes. A história recontada pela perspectiva deles demonstra anos de força e união dos trabalhadores, que enfrentaram graves violências, mas que também resistiram, festejaram e conquistaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre as primeiras ocupações que formaram a região noroeste de Goiânia, na década de 1980, revelou uma história marcada pela tensão entre a necessidade urgente de moradia

PENSAR FORA DO EIXO

e a resposta, muitas vezes violenta e excludente, do Estado e do capital privado. Ao utilizar os jornais de circulação interna dos movimentos como fonte, foi possível resgatar a narrativa sob a ótica da resistência dos ocupantes e identificar o contraste com os discursos presentes nos jornais de maior circulação da mídia.

Os jornais de grande circulação, como o Diário da Manhã e o Opção, retratavam os posseiros ora pelas notícias de tragédias e de sofrimento da população, ora pela defesa da propriedade privada e pela visão da prefeitura com seu discurso de passividade e incapacidade de intervenção, omitindo, de certa forma, a busca por soluções. O destaque para o termo 'invasores' e a construção dessa narrativa contribuía para deslegitimar a luta e justificar a violência em nos casos de despejo e repressão policial.

Pela análise das fontes, revelou-se também a atuação do Estado na desmobilização do movimento por meio de programas habitacionais assistencialistas, que desconsideravam a história já construída pelas famílias em seus territórios. As vozes presentes no jornal Quatro de Outubro expressam o descontentamento e a pressão sofrida pelas famílias para deixarem suas antigas moradias, subvertendo a imagem de conquista da casa própria pelos programas habitacionais, exaltada pela grande mídia e pelo governo de Íris Rezende.

Em contrapartida, as publicações internas dos movimentos sociais por moradia, frequentemente silenciadas na historiografia urbana, revelam a força da união dos ocupantes. Assim, o Movimento União das Invasões foi uma resposta direta à opressão e à carência de políticas habitacionais e sua organização atesta a relevância dos movimentos sociais na luta por direitos há décadas. O Jardim Nova Esperança destacou-se pelo pioneirismo na formação da Região Noroeste e por sua importância na articulação do movimento.

Por fim, o estudo mostra a dimensão da esperança manifestada nas práticas cotidianas das ocupações: a construção coletiva de espaços de reunião e escolas, os mutirões de reconstrução após os despejos e, notavelmente, a alegria expressa nas festividades e nas canções que celebravam a organização da classe trabalhadora. Esses momentos de celebração e de auto-organização demonstram que a luta pela terra era inseparável da construção de uma nova sociabilidade e de uma identidade política baseada na solidariedade.

Embora algumas ocupações tenham sido destruídas e outras tenham demorado para alcançar sua regularização, a história das ocupações na Região Noroeste de Goiânia exalta a relevância dos

PENSAR FORA DO EIXO

movimentos sociais por moradia na década de 1980 para o campo da historiografia urbana de Goiânia. O estudo aponta, ainda, para a importância de pesquisas futuras que investiguem o legado de resistência e união pelo direito à moradia em outras regiões da capital goiana e a luta hoje.

REFERÊNCIAS

A VOZ DOS TRABALHADORES. **1º de Maio de 1980**. Goiânia, Maio de 1980. Disponível em: acervo Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp. Acesso em: set. 2025.

_____. **A luta cresce em Goiás**. Goiânia, janeiro de 1981, nº 05. Disponível em: acervo Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp. Acesso em: set. 2025.

_____. **Invasões: a situação do nosso povo que não tem onde morar**. Goiânia, abril e maio de 1980, nº 03. Disponível em: acervo Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp. Acesso em: set. 2025.

BARROS, José D'Assunção. Considerações sobre a análise de jornais como fontes históricas, na sua perspectiva sincrônica e diacrônica. **História Unisinos**, [s. l.], v. 26, n. 3, p. 588–604, 2022.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023. 287 p.

BRETAS, Isabella de Faria. **O movimento dos trabalhadores em Goiás (1978-1985): em busca de autonomia e poder**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de História - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2021.

BLOCH, Marc. Memória coletiva, tradição e costume: a propósito de um livro recente. In BLOCH, Marc. **História e Historiadores: textos reunidos por Étienne Bloch**. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

CHAUL, Nasr Fayad. **A construção de Goiânia e a transferência da capital**. Goiânia: Cegraf-UFG, 1988.

CRUZ, Renatha Cândida da. **A região noroeste de Goiânia: de grande bolsão de pobreza à nova classe trabalhadora**. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos Socioambientais - Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2015.

DIÁRIO DA MANHÃ. **Frustra tentativa de destruição dos barracos**. Goiânia, 13 junho de 1982. Disponível em: acervo SEPLAM. Acesso em: Junho de 2025.

_____. **Tiros, sangue e um fotógrafo ferido**. Goiânia, 14 junho de 1982. Disponível em: acervo SEPLAM. Acesso em: Junho de 2025.

_____. **O medo na reconstrução dos barracos**. Goiânia, 15 junho de 1982. Disponível em: acervo SEPLAM. Acesso em: Junho de 2025.

_____. **Nasce o jardim Boa Vista**. Goiânia, 17 junho de 1982. Disponível em: acervo SEPLAM. Acesso em: Junho de 2025.



PENSAR FORA DO EIXO

_____. **Fazenda Caveira (I).** Goiânia, 23 junho de 1982. Disponível em: acervo SEPLAM. Acesso em: Junho de 2025.

_____. **Começa hoje a demarcação dos lotes.** Goiânia, 25 de junho de 1982. Disponível em: acervo SEPLAM. Acesso em: Junho de 2025.

_____. **Governo promete adquirir área.** Goiânia, 07 de julho de 1982. Disponível em: acervo SEPLAM. Acesso em: Junho de 2025.

_____. **Uma casa em cada 36 segundos.** Goiânia, 12 de outubro de 1983. Disponível em: acervo SEPLAM. Acesso em: Junho de 2025.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades alternativas para a crise urbana.** Petrópolis: Vozes, 2001

MORAES, Lúcia Maria. **A segregação planejada: Goiânia, Brasília e Palmas.** Goiânia: Editora da UCG, 2003.

MOYSÉS, Aristides. **Goiânia, metrópole não planejada.** Goiânia: Editora da UCG, 2004.

MONTEIRO, Thiago William Nunes Gusmão. **‘Como pode um povo vivo viver nesta carestia’: o movimento do custo de vida em São Paulo (1973-1982).** Dissertação (Mestrado) - Programa de História Social - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo: **Projeto História**, v. 10, dez. 1993

OPÇÃO. **Prefeitura e polícia removem invasores com baionetas e tratores.** Goiânia, outubro de 1979. Disponível em: Acervo Jardim Nova Esperança. Acesso em: out. 2025

OPÇÃO. **Decisão judicial mantém inalterada a situação da favela da vila João Vaz.** Goiânia, novembro de 1979. Disponível em: acervo Nova Esperança. Acesso em: out. 2025

OLIVEIRA, Érika Munique. **Vila Mutirão: Entre os discursos de inclusão e as práticas segregadoras no espaço urbano de Goiânia.** Monografia (Graduação) - Departamento de Geografia - Universidade Estadual de Goiás. Cidade de Goiás, 2014.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937).** Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

PANTALEÃO, Sandra Catharinne; VILARINHO, Luana Chaves. Plano de Desenvolvimento Integrado (PDI), áreas de especial interesse social e adensamento urbano de Goiânia. **Revista Mirante.** Anápolis: UEG, Vol. 10, p. 101-127, 2017.

PINTO, Lucélia Neves; LIMA, Leandro Oliveira de; BORGES, Ronan Eustáquio. POLÍTICAS HABITACIONAIS EM GOIÁS. **Revista Terceiro Incluído.** [s. l.]: Vol. 10, n. 1, p. 55–74, 2020.

QUATRO DE OUTUBRO. **A luta pela terra.** Goiânia, fevereiro de 1984, nº 2. Disponível em: acervo Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp. Acesso em: out. 2025.

PENSAR FORA DO EIXO

_____. **Desapropriação é o primeiro passo: Doação já.** Goiânia, setembro de 1984, nº 5. Disponível em: acervo Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp. Acesso em: out. 2025.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças.** Tese – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

SALES, Marcelo Ribeiro; NASCIMENTO, Diogo Silva do. “Periferias Renegadas” Memórias e resistências de uma Belford Roxo marcada pela violência urbana. **Revista Maracanan**, [s. l.], n. 28, p. 280–303, 2021.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do Século XXI.** Rio De Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Anderson Ferreira da. **GOIÂNIA À NOROESTE: da ocupação ao novo centro urbano.** Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de Brasília. Brasília, 2014.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **O Trabalho do Jornalista.** 2. ed. Lisboa: Âncora, 2002. p. 73-90.

UNIÃO DAS INVASÕES. **Mutirão no Areião.** Goiânia, Fevereiro de 1981, nº 3. Disponível em: acervo Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp. Acesso em: set. 2025.

_____. **Agressões abalam a população de Goiânia.** Goiânia, Junho de 1981, nº 5. Disponível em: acervo Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp. Acesso em: set. 2025.

_____. **A luta pela terra.** Goiânia, Maio de 1982, nº 6. Disponível em: acervo Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp. Acesso em: set. 2025.

_____. **Queremos a doação.** Goiânia, Junho de 1982, nº 7. Disponível em: acervo Arquivo Edgard Leuenroth, Unicamp. Acesso em: set. 2025.

VIANA, Nildo. **Mídia e Ideologia.** Goiânia: **Edições Combate**, 2012.